

Luciane Pereira da Silva Navarro  
(Organizadora)



# Bibliografia História da Mídia e da Imprensa

Atena  
Editora  
Ano 2019

**Luciane Pereira da Silva Navarro**  
(Organizadora)

# **Bibliografia: História da Mídia e da Imprensa**

**Atena Editora**  
**2019**

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
B582	Bibliografia [recurso eletrônico] : história da mídia e da imprensa / Organizadora Luciane Pereira da Silva Navarro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-605-8 DOI 10.22533/at.ed.058190309  1. Jornalismo – Bibliografia. I. Navarro, Luciane Pereira da Silva. CDD 016.0704495
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

As páginas que você está prestes a ler vão conduzi-lo para além da mera constatação histórica sobre os caminhos percorridos pela imprensa nos últimos dois séculos. Os textos que compõem esta obra elástica vão levá-lo à compreensão singular de particularidades sobre o desenvolvimento da comunicação e do jornalismo sob as perspectivas política, cultural, social e histórica.

Ao percorrer os capítulos, especialmente no primeiro e último, você, leitor, encontrará textos que, habilmente construídos, suscitam a reflexão sobre as práticas comunicacionais em diferentes contextos políticos desde o Estado Novo, a Ditadura Militar até a crise recente enfrentada pelo Brasil e que culminou com o impeachment de Dilma Rousseff. A amplitude temporal dos textos torna perceptível a evolução do papel dos meios de comunicação, tradicionais e alternativos, ao longo do tempo e através da evolução tecnológica. No capítulo final, em especial, a política é o pano de fundo de grande parte dos textos que, ao cabo, vão ajudá-lo a compreender tramas históricas que conduziram o jornalismo ao seu status atual, uma prática profissional em rápida e constante transformação.

As aproximações e afastamentos entre diferentes linguagens, formatos jornalísticos e práticas socioculturais estão organizadas no segundo capítulo: Mídia, Arte e Memória. Os artigos selecionados abordam desde quadrinhos, ilustração, documentarismo e street papers até jornalismo literário. Da trama tecida entre os títulos desta seção emana a compreensão do valor memorialístico do jornalismo, prática diária de registro da realidade e de escuta dos sujeitos, que contribui para a preservação da memória social.

Luciane Pereira da Silva Navarro

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
MÍDIA IMPRESSA, COMUNICAÇÃO E HISTÓRIA: BREVES CONSIDERAÇÕES E APROXIMAÇÕES	
<i>Giovana Montes Celinski</i> <i>Ivania Skura</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0581903091</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>11</b>
OS CEM ANOS DA IMPRENSA NO BRASIL: A COMEMORAÇÃO ATRAVÉS DA EXPOSIÇÃO E DOS CATÁLOGOS DO IHGB	
<i>Alvaro Daniel Costa</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0581903092</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>23</b>
A HISTÓRIA DA TV BRASIL ENCONTRANDO A SAÚDE: UM ESTUDO DE CASO	
<i>Vitor Pereira de Almeida</i> <i>Iluska Maria da Silva Coutinho</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0581903093</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>37</b>
ASPECTOS DA HISTÓRIA DO JORNALISMO ESPORTIVO	
<i>Thalita Raphaela Neves de Oliveira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0581903094</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>50</b>
RADIOJORNALISMO NO BRASIL: UMA ANÁLISE DA EVOLUÇÃO CURRICULAR	
<i>Lourival da Cruz Galvão Júnior</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0581903095</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>62</b>
COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: DAS TIC AOS DISPOSITIVOS MÓVEIS	
<i>Ana Graciela M. F. da Fonseca Voltolini</i> <i>José Serafim Bertoloto</i> <i>André Galvan da Silveira</i> <i>Ed Wilson Rodrigues Silva Júnior</i> <i>Lucinete Ornagui De Oliveira Nakamura</i> <i>Paula Viviana Queiroz Dantas</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0581903096</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>74</b>
O SURGIMENTO DA IMPRENSA EM MATO GROSSO E EM MATO GROSSO DO SUL	
<i>Danusa Santana Andrade</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0581903097</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>85</b>
DESENVOLVIMENTO E DIFUSÃO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS A PARTIR DE JORNAIS ESTADUNIDENSES DO SÉCULO XIX	
<i>Juliana de Kássia de Oliveira Angelim</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0581903098</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>97</b>
DA ILUSTRAÇÃO À TELA DA TV: A EVOLUÇÃO DA EXPRESSÃO ARTÍSTICA NAS REVISTAS BRASILEIRAS	
<i>Talita Souza Magnolo</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0581903099</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>114</b>
CONTRIBUIÇÕES DO JORNALISMO LITERÁRIO PARA A CONSTRUÇÃO DE PÓS-MEMÓRIAS NA COLONIZAÇÃO PORTUGUESA NA ÁFRICA DO SÉCULO XX	
<i>Flávia Arruda Rodrigues</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05819030910</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>123</b>
O DOCUMENTÁRIO XICO STOCKINGER COMO LUGAR DE MEMÓRIA	
<i>Alini Hammerschmitt</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05819030911</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>132</b>
JORNALISMO NA ERA DOS TESTEMUNHOS: UMA CHANCE DE APRENDER COM O CINEMA	
<i>Cristine Gerck Pinto Carneiro</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05819030912</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>145</b>
OS <i>STREET PAPERS</i> COMO INSTRUMENTOS DE RESGATE DO CIDADÃO EM VULNERABILIDADE SOCIAL: ESTUDO DE CASO DA REVISTA OCAS”	
<i>Franklin Larrubia Valverde</i>	
<i>Marília Gomes Ghizzi Godoy</i>	
<i>Rosemari Fagá Viégas</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05819030913</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>156</b>
CRIAÇÃO DA PRIMEIRA TV EDUCATIVA DO BRASIL - A IMPLANTAÇÃO DA TV UNIVERSITÁRIA, CANAL 11: EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E AS RELAÇÕES DE PODER	
<i>Maria Clara de Azevêdo Angeiras</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05819030914</b>	

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>169</b>
REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE PODER E REBELDIA NO JORNALISMO IMPRESSO NO COMEÇO DO SÉCULO XX – LITERATURA E ANARQUISMO EM PERSPECTIVA HISTORIOGRÁFICA	
<i>Manuel Marquez Viscaíno Jr</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05819030915</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>183</b>
CORRESPONDENTES BRASILEIROS NA SEGUNDA GUERRA E A SAÍDA PARA TRÊS TIPOS DE CENSURA	
<i>Rosamary Esquenazi</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05819030916</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>192</b>
IMPrensa ALTERNATIVA E NEOPENTECOSTALISMO: ESTRATÉGIAS PARA UM MOMENTO DE CRISE POLÍTICA	
<i>Matheus Lobo Pismel</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05819030917</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>202</b>
PORTFÓLIO DE ORLANDO BRITO: O FIM DA ERA DILMA NA REVISTA PIAUÍ	
<i>André Melo Mendes</i> <i>Mírian Sousa Alves</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05819030918</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>215</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>216</b>

## REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE PODER E REBELDIA NO JORNALISMO IMPRESSO NO COMEÇO DO SÉCULO XX – LITERATURA E ANARQUISMO EM PERSPECTIVA HISTORIOGRÁFICA

**Manuel Marquez Viscaíno Jr**

Faculdade Zumbi dos Palmares (Licenciado)

São Paulo – SP.

**RESUMO:** As discussões sobre as relações entre o jornal impresso e as formas de poder ganharam significativa relevância no final do século XIX e começo do século XX, quando a expansão produtiva do capitalismo gerou os fenômenos de massa em todas as dimensões da realidade social atingindo fortemente o imaginário coletivo por meio do jornal impresso, então o principal meio de comunicação social. A literatura ocupou um lugar central associando-se intensamente com o jornal impresso e transmitindo representações de poder e rebeldia que permitem um vínculo com manifestações políticas e ideológicas daquele momento, como o anarquismo. Ao abordarmos obras como *As Ilusões Perdidas*, de Honoré de Balzac (1843) e *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*, de Lima Barreto (1909) revelamos imagens que projetam a tendência histórica da comunicação de massa à manipulação das informações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornal Impresso; Representação Social; Literatura; Anarquismo; Poder.

**ABSTRACT:** The discussions about the relations between the printed newspaper and the forms

of power gained significant relevance in the late nineteenth and early twentieth century, when the productive expansion of capitalism generated mass phenomena in all dimensions of social reality strongly affecting the imaginary collective through the printed newspaper, then the main means of social communication. Literature has occupied a central place by associating intensely with the printed newspaper and transmitting representations of power and rebellion that allow a link with political and ideological manifestations of that moment, as anarchism. When we approach works such as *The Lost Illusions of Honoré de Balzac* (1843) and *Memories of the Scribe Isaias Caminha*, Lima Barreto (1909), we reveal images that project the historical tendency of mass communication to the manipulation of information.

**KEYWORDS:** Newspaper; Social Representation; Literature; Anarchism; Power.

### 1 | INTRODUÇÃO

A compreensão das formas de representação social de poder numa determinada época envolvem diversos aspectos constitutivos da realidade social, entre os quais é de grande relevância, a nosso ver, as formas de comunicação social inerentes aos diversos instrumentos de percepção da

dinâmica cultural, como foi o caso do jornal impresso entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX.

Nesse sentido, as relações pautadas pelas impressões do cotidiano adquirem uma importância fundamental na percepção dessas relações de poder, pois criam hábitos, formam valores, e interferem continuamente nos vínculos que se estabelecem nas diferentes dimensões das sociedades, construindo, mas também desorganizando e recriando formas de sociabilidade.

Numa perspectiva crítica, e por isso mesmo não monológica e nem dogmática, entendemos que a história das mentalidades se constitui num campo de concepção do fazer historiográfico essencial para entendermos tais processos. Partindo do próprio homem, da sua experiência histórica e do tempo vivenciado, a história das mentalidades, bem ao estilo de Jacques Le Goff (2001), não se detém na linearidade expositiva de um fato originário, nem na impossibilidade de uma síntese totalizante como a pretendida na historiografia marxiana, mas, a contrapelo, pretende encontrar na montagem da obra historiográfica a recuperação da globalidade de um período e os diversos níveis socioculturais em que os objetos de estudo se inserem, permitindo também, pela interação com o sujeito do fazer histórico, seus objetivos e seu problema de investigação, chegar-se próximo à mentalidade de uma época.

Sendo assim, renunciamos de imediato ao resgate da totalidade das produções historiográficas, científicas, disciplinares e acadêmicas sobre o tema trazido aqui para discussão, e nos aventuramos intencionalmente na reflexão sobre algumas obras da literatura e dos vínculos temáticos estabelecidos aqui com as estruturas produtivas e o anarquismo que podem nos permitir vislumbrar e questionar as relações sociais de poder que envolveram a imprensa escrita no nascimento da massificação capitalista, e de como tais relações de poder atingiram de tal forma o cotidiano que não seria exagero supor que acabassem adquirindo um alcance tal que permitisse a manipulação das informações e a construção de atitudes desejáveis ao indivíduo em suas relações sociais.

É claro, assim o entendemos que o enfrentamento de possíveis manipulações por parte da imprensa escrita, ascendente e dominante, pensada naquele momento histórico, traz consigo embutido a construção de formas de resistência, rebeldia e luta política por parte de determinados setores sociais atingidos mais fortemente pelas intenções obscuras da manipulação das informações. Nesse sentido, a dialética entre dominação e resistência se faz presente e acompanha a projeção histórica das relações de poder e formas de representação social aqui estabelecidas.

No campo da literatura, e pensando centralmente nas relações estabelecidas com o jornal impresso durante o processo de massificação nas sociedades capitalistas, destacamos para reflexão a obra de Lima Barreto, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, publicada inicialmente em Lisboa, em 1909, e a obra de Honoré de Balzac, *As Ilusões Perdidas*, que teve publicação completada em Paris, em 1843.

Há inúmeras ligações que podemos fazer entre as duas obras, mas destacamos

inicialmente que o romance *As Ilusões Perdidas*, de Balzac, indicou um caminho literário que se expandiu rapidamente e colidiu em sua abordagem com o nascimento do jornalismo de massa de massa desde meados do XIX na Europa Ocidental. Já as *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*, de Lima Barreto, teve um impacto fulminante sobre o entendimento das sombras que envolvem o mundo da imprensa escrita e os bastidores dos grandes jornais da sua época, impacto esse que atingiu o próprio autor em cheio, e deu considerável suporte ao entendimento do poder de manipulação da nascente imprensa escrita de massa no Brasil durante o século XX, rendendo ao autor, após sua morte, um lugar destacado como precursor na moderna literatura brasileira, mas em vida, um execrável desprezo por parte dos círculos de informação dominantes na grande imprensa escrita.

## **2 | AS ILUSÕES PERDIDAS COMO RESULTADO LÓGICO DA EXPANSÃO DO CAPITALISMO MODERNO**

*As Ilusões Perdidas*, de Balzac, é considerada por Paulo Rónai (1978) a obra mais significativa da sua vasta produção literária, confundindo-se com a própria história de vida do autor. A história é bem conhecida, Luciano de Rubempré, a personagem principal da obra, é um ambicioso jovem da província interiorana do século XIX na França, poeta e incipiente romancista, que parte para Paris atrás do sucesso das suas publicações, visando a fama e a aceitação na efluvante elite de nobreza aburguesada parisiense, e contando com os poucos recursos da sua irmã Eva e do cunhado David Séchard, os quais levaria literalmente à falência e à ruína com suas desventuras e temeridades. Aventura-se então na capital francesa à época da Restauração, impregnado pelos coquetes aristocráticos decorrentes da sua associação oportuna com a Sr.<sup>a</sup> de Bargeton, a qual logo o deixa à míngua.

Seria uma grosseria da nossa parte com os eruditos e especialistas literários que se debruçaram primorosamente no entendimento dessa emblemática obra de Balzac esboçar uma síntese de toda a narrativa de Balzac e debater, amiúde, conceitos avançados no campo da estética literária e figuras de linguagem inerente à narrativa balzaquiana. Cientes dos nossos limites e objetivos neste estudo, nos lançamos diretamente aos pontos que nos interessam, contando com a compreensão do leitor para esse recurso de método, nada sutil, aqui aplicado.

Assim, destacamos de imediato que a narrativa de Balzac expõe os meandros da grande imprensa escrita à sua época, as sutis e até mesmo sórdidas formas de manipulação das informações que se realizam na produção de um jornal com relativo alcance social, e os conflitos e aflições a que se expõe o moderno jornalista desde meados do século XIX, premido entre a suposta missão elucidativa do seu saber fazer, e a aceitação lenta e gradual das formas de corrupção que precisa considerar quando envolvem, fermentadas por suas ambições, a projeção do seu talento tanto

internamente na produção do jornal impresso e no respeito que ali se possa angariar quanto nas relações sociais pretendidas, por meio da representação social que se projeta a respeito do seu mérito e genialidade.

Um segundo ponto a ser considerado no romance de Balzac, quanto ao conteúdo, diz respeito às vivas relações de poder e embates entre classes sociais e poderes econômicos que a obra revela. Com efeito, Paulo Rónai (1978) considera a trama e seu desenvolvimento inovadores em diversos sentidos. Na descrição das personagens e do mundo que representam realizada por Balzac temos a percepção da decadente aristocracia - ainda muito presente no meio rural francês mesmo após décadas da tempestade revolucionária de 1789 - e das transformações econômicas e produtivas que marcaram a expansão do capitalismo industrial na França até meados do século XIX. É essa decadente aristocracia que é transformada nos círculos parisienses elitizados em imagem, em estilo de vida refinado, ainda que validada somente pelo lastro da fortuna monetária que cada vez mais responde a uma concessão ou um falseamento de classe da ascendente burguesia. Faz par, assim, com essa decadente classe aristocrática a ascende classe burguesa, estabelecendo uma anacrônica simbiose somente compreensível no mundo ambíguo da cotidianidade.

Há ainda, o retrato vivo por parte de Balzac das agruras da vida operária e principalmente dessa condição no meio produtivo essencial da sua obra, a oficina de produção do jornal, do material impresso e publicado, as lidas com as máquinas e suas cifras, custos, necessidade de inovações, a competição febril, a tipografia e seu mundo em expansão. É nesse ambiente, nessa cotidianidade conflituosa e ascendente exposta por Balzac, que encontramos, conforme Paulo Rónai, a figura emblemática de David Séchard, uma das três personagens centrais da obra segundo o mesmo.

David Séchard representa aquele gênio inventivo, operário e pequeno empreendedor ao mesmo tempo, que, se luta desesperadamente para triunfar, sente, não por infortúnio, como se pretende na interpretação corrente da limitação social ao desejo de ascensão pelo trabalho, mas sim pelas fortes amarras que a expansão capitalista impõe, o peso da constante dilaceração da alma e esgotamento do corpo diante dos obstáculos concretos que se lhe impõem sistematicamente. Ainda assim, a cada dia, levanta movido pela fé e acredita que haverá de vencer.

Encontramos também na narrativa balzaquiana essa classe social em que radica o jovem estudioso, moldado por uma ética da virtude e uma moral férrea motivadora da força criativa, viva, direta, que pretende se impor, por meio do esforço estoico e obstinado a seus ideais, a esse mundo de submissões e favores que tanto dilapidam o espírito e aprisionam a alma. Sobrevivendo como pode, mas pregando a dignidade da perseverança e do destino da história aos justos, Daniel de Arthez era a personagem ambígua que representava a alma do Cenáculo, associação de amigos artistas e estudiosos, que, compondo um todo pelas partes que representavam, dão uma formidável ideia do quanto os jovens idealistas são uma necessidade da

história moderna e do progresso da História, embora esta nem sempre faça jus ao seu valor no presente. De Arthez, no entanto, expressa sob a genialidade de Balzac a sentença que acompanha os jovens itinerantes que buscam o progresso em outras paragens, movidos apenas pela fé e pelo talento, desejosos de reconhecimento e que se deparam com a sordidez do poder econômico e das tramas políticas coniventes com o apequenamento dos grandes ideais. A história de milhares de corpos e mentes dizimados pelas amarras da dominação econômica e oprimidos pelas representações de poder que gradualmente corrompem sua vontade transformadora. Se o abandono da Sr.<sup>a</sup> de Bargeton na hora das dificuldades foi a primeira decepção, a dura e triste realidade de não encontrar receptividade e aceitação do seu potencial, tornando-se mais um no turbilhão que move as engrenagens, foi a segunda ilusão perdida revelada por Daniel de Arthez.

No conjunto das três formas de personagem apontadas, com o perdão aqui por não retratar minimamente as imprescindíveis personagens femininas projetadas na imaginação fértil e significativa para as representações sociais de poder construídas por Balzac, temos as imagens de uma síntese possível das lutas de classes que tão explicitamente marcaram as sociedades modernas durante toda a segunda metade do século XIX e princípio do século XX, lutas essas que se enraizaram nas estruturas sociais e tomaram a forma cultural que permite desvendar as continuidades, as projeções, as formações de imagens e juízos que se recriam nos valores.

Assim, como exemplo ambíguo e contraditório da primeira representação social de poder nas personagens de Balzac, ainda que de um poder decadente se não estiver lastreado por uma bolsa generosa em moedas, encontramos o jovem Luciano de Rubempré, protagonista principal do romance de Balzac, e que expõe a decadência do meio rural francês onde jovens empobrecidos ainda sonham com os ideais da aristocracia e pretendem alcançar a fama e a notoriedade na grande cidade.

Movido a esse ideal, de status e riqueza, não por sua origem de classe, marcada pela luta intensa para a progressão social e pela precariedade da vida no meio rural, mas sim pela adesão a essa representação social de poder a que aspira, uma vez que fora educado para triunfar desde sempre dilapidando os recursos da família, Luciano de Rubempré oscila ansiosamente entre os deletérios meios sociais aristocráticos parisienses, os quais, entretanto, somente se estabelecem satisfatoriamente se estiverem ancorados na realidade arrogante da carta de créditos da classe social burguesa. O nobre aristocrata, decadente, venderá sua imagem ao burguês ascendente.

Mas, crucial no entendimento das personagens tão específicas e centrais nas *Ilusões Perdidas*, está a clarificante proposição de Paulo Rónai (1978): as três personagens apresentadas, Luciano de Rubempré, David Séchard e Daniel de Arthez representam, cada uma com seu universo e conjunto de relações, a personalidade ambígua e criativa do próprio escritor, Honoré de Balzac, bem como as contradições entre as representações sociais de poder e as formas de rebeldia em que se debatia

seu espírito irrequieto e observador.

No centro de tudo, no núcleo da reveladora trama desenhada nas *Ilusões Perdidas*, o jornal, a mídia jornalística impressa, a fábrica de noticiais, de modelos, de atitudes, de opiniões. Balzac, o primeiro a publicar suas obras no gênero romance em folhetim em 1836, conforme Luíza Alvim (2017) desencadeia a primeira grande crítica feroz ao jornal impresso e aos jornalistas, feita de dentro, movida pela própria competição entre as empresas jornalísticas pelos escritores em ascensão, as verdadeiras iscas de atração da atenção das multidões de leitores por meio do interesse despertado pelas publicações de novelas e romances em partes dramáticas nos folhetins.

O próprio Balzac se aventurou na impressão escrita, como seu personagem David Séchard, mas, tentando se libertar dos condicionantes e privações de escrever para os grandes jornais, terminou essa aventura de forma trágica. Por meio da centralidade na sua narrativa no romance *As Ilusões Perdidas*, Balzac faz a crítica de dentro das relações de poder envolvendo o jornal impresso e seus impactos sobre o cotidiano das sociedades. Ancorada na sua experiência do mundo real, embora com recordes de historicidade e subjetividade, o que não diminui, ao contrário, reforça o peso da sua narrativa, sua crítica ao grande jornal impresso faria com que Balzac sofresse vivas oposições e represálias desatadas pelas figuras sociais e interesses econômicos que se sentiram atingidos pela magnitude da representação social realizada por Balzac. Escrever se tornou, assim, um ato de luta e de resistência.

Trata-se, é crucial, de perceber-se que o cotidiano revela formas de poderes esmagadores e dominantes que, no vir a ser da história, conduz também à representação social de contrapoderes, forças de resistência, de enfrentamento, de rebeldia, que escapam até mesmo à intenção dos criadores de imagens. Luíza Alvim (2017) aponta, nesse sentido, que o gênero literário que consagrou escritores como Balzac no gosto popular, o romance-folhetim atraiu crescentemente o interesse de massas significativas de leitores acompanhando a expansão industrial e as necessidades produtivas do capitalismo. O jornal foi a ferramenta privilegiada de expansão dessa cotidianidade.

Reforçando uma aparente necessidade da época, do momento, do presente, da imagem de modernidade, criavam-se laços firmes na cultura popular envolvendo a consulta diária ao teor dos jornais impressos e as várias divisões de afinidades eletivas que o mesmo contém. Enquanto isso aumentava a taxa de alfabetização crescentemente nos principais centros urbanos europeus e a forma de novela continuada dos romances folhetins fazia ganhar público, consumo e acúmulo de capitais aos proprietários dos grandes jornais.

Nesse contexto, a denúncia de dentro e seu possível alcance, como no caso de Balzac, permitem ao jornal impresso dialeticamente desatar uma força de atuação contestadora nas sociedades modernas do século XIX e começo do século XX que colocam jornais, jornalistas e o produto cultural desse processo num forte campo de disputa ideológica. O jornal e o teor jornalístico inflamador, crítico, e denunciante de

aspectos vis da vida social são uma ameaça real aos detentores do poder econômico e político. Em que pese sua popularidade e genialidade Balzac não deixou de ser considerado ameaça, e foi enfrentado com vigor por grupos sociais identificados com a manutenção do *status quo* vigente devido ao significado das suas representações sociais:

Feito o desconto dos exageros resultantes do preconceito, deve-se reconhecer que Balzac conhecia admiravelmente bem os segredos do jornal e deu uma série de retratos de redatores e diretores [...] cada um dos quais é uma obra-prima. [...] O poder desmoralizador da publicidade – que nem tinha nome então – é adivinhado e desmascarado pela primeira vez.

Pelas ramificações do jornalismo chegamos a outros ambientes: o da indústria editorial e o comércio dos livros, o dos teatros [...], o da política conluiada com a imprensa, o da aristocracia conluiada com a política. Por trás de tudo, o dinheiro agindo desavergonhada e impiedosamente... (RÓNAI, 1978, p.10).

Considerando a distância no tempo, e tantas mudanças econômicas, políticas e sociais que as sociedades contemporâneas expressam, apesar das assimetrias de desenvolvimento entre os centros de poder econômico e político mundial, não deixa de ser viva a imagem que Balzac construiu sobre as relações de poder envolvendo a imprensa jornalística e o alcance social do jornal em 1843. Foram estas, em toda sua obra em vida, e isso não é pouco, as cores mais fortes e os traços mais incisivos utilizados por Balzac, conforme enfatiza Paulo Rónai:

Exasperado, não sem motivo pelas injustiças dos jornais [...], Balzac, no entanto, não estava apenas exercendo uma vingança pessoal. Sua observação divinatória permitiu-lhe antever o imenso poder concentrado nas mãos do jornalista, e com seu pessimismo inato descobriu todos os abusos a que esse poder se prestava. Mais uma vez, o escritor pegou *in statu nascendi* uma das instituições essenciais do século XIX, quando ninguém lhe percebia ainda a importância transcendental. (RÓNAI, 1978, p.09).

Conforme Paulo Rónai, atacado pelo meio jornalístico empresarial dominante, apesar de seu sucesso como atrativo aos capitais de que os meios produtivos necessitavam, Balzac reagia com vigor e até mesmo descontrole, comparando tal meio a doenças sociais que ameaçavam a nação. De fundo, ainda, a ideia de que o jornalismo era na verdade uma degeneração da literatura, um comércio de ideais úteis que gradualmente conduziria a sociedade à domesticação e ao declínio cultural. Essa era, assim, a grande ilusão perdida (GAUDÊNCIO, 2017, p. 9).

Balzac assistiu ao auge, mas não ao declínio do estilo que criou - o romance-folhetim, que entraria em decadência na França após a Comuna de Paris de 1871 e a impregnação pelo gênero de literatura de conteúdos conservadores e até mesmo reacionários, vindo a desaparecer na França e outras regiões da Europa logo depois da Primeira Guerra Mundial (ALVIM, 2017, p. 05).

Prevenida, as classes populares e principalmente os operários passariam cada vez mais desde o final do século XIX a produzir seus próprios jornais impressos,

fenômeno que teve relevância significativa no surgimento e expansão do anarquismo. No Brasil, como economia periférica e culturalmente mais distante dos grandes centros mundiais de poder político e econômico, o romance-folhetim teve uma vida mais longa, caracterizando as obras iniciais de grandes escritores, como Machado de Assis, que se tornou um ícone da literatura brasileira. Afonso Henriques de Lima Barreto, da mesma época, teve os mesmos ímpetos de Balzac, mas com desfechos e implicações bem diferentes. Trataremos destas questões a seguir.

### **3 | AS RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAIAS CAMINHA, DE LIMA BARRETO E O ANARQUISMO**

O exercício historiográfico aqui realizado caminha pela produção de imagens, associações de signos, símbolos, visando possibilitar a percepção de representações sociais de poder e de formas de resistência tão bem significados pela história das mentalidades conduzida principalmente por Jacques Le Goff e pelos conceitos inovadores nos estudos realizados por Michel Foucault. Somente por isso, em contribuição aos objetivos deste incipiente estudo nessa temática das representações sociais e formas de poder envolvendo a imprensa escrita nos propomos aqui a desenvolver as relações intituladas logo acima, mais abrindo do que finalizando questões.

Não pretendemos, novamente, atropelar tantos e tão cuidadosos estudos de uma vasta produção historiográfica e literária que trata das duas possibilidades compreensivas em relação ao nosso problema, dominação e resistência envolvendo a imprensa escrita, permitidas pelo vetor reflexivo formado pela vida e obra de Lima Barreto e o anarquismo. É necessário nos aferrarmos ao método e indicarmos um único e possível caminho aos nossos objetivos: a representação social de poder no jornal impresso na obra de Lima Barreto e a ação política e cultural presente no anarquismo, o qual que se apropriou dos jornais impressos e o transformou no principal instrumento autônomo de suas propostas e intenções políticas e ideológicas, criando também um vasto campo cultural.

Lima Barreto nasceu, viveu e morreu na cidade do Rio de Janeiro entre 1881 e 1922. Filho de tipógrafo com trânsito entre monarquistas e funcionário da Imprensa Nacional e de mãe professora de primário, Lima Barreto projetou em aspectos concretos da sua própria vida o enredo criado para sua personagem principal, Isaias Caminha, na obra aqui problematizada, *As Recordações do Escrivão Isaias Caminha* (1909).

Há uma grande discussão na literatura brasileira sobre as obras centrais e mais significativas de Lima Barreto. *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*, publicada em Lisboa em 1909, para alguns críticos literários não é sequer considerado um romance em todo seu sentido literário, diz-se que há componentes falhos, imprecisões

de narrativa, mas sim, para os objetivos deste estudo que realizamos essa é a grande obra, suas representações sociais de poder, suas imagens, denúncias, a mentalidade que transparece da narrativa, e os vínculos com o processo social vivido pelo próprio autor são essenciais aos nossos propósitos.

Isaias Caminha é um jovem simples, de uma humilde família do interior do Rio de Janeiro, que, a expensas da difícil situação em que vive com a mãe, utiliza-se de um apadrinhamento formatado pelo coronelismo provinciano brasileiro de início do século XX e parte para o Rio de Janeiro para estudar e realizar suas ambições de nome e projeção social. A decisão é difícil, o jovem Isaias Caminha é inseguro, mas persiste em seus objetivos, sofrendo decepções e privações em momentos marcantes da primeira parte da narrativa, como se fossem sombras e aparições que o alertassem do que estaria por vir, com mais intensidade de forma cruel.

O mal que se revela e que assola as pretensões do jovem Isaias Caminha seria o mesmo de que padece a parte majoritária da sociedade brasileira desde os primórdios da frágil constituição social da nação, uma dura e opressora discriminação, a rejeição da cor, a negação pela parte dominante e criadora das estruturas de poder na sociedade brasileira daquilo que há de mais comum no brasileiro, os seus traços, sua mestiçagem, sua brasilidade, sua identidade distinta do padrão dominante do europeu colonizador. Contraditoriamente, aquilo que mais se deveria valorizar no povo simples brasileiro passa a ser fonte da maior repulsa e rejeição aos filhos da terra.

Estudante de ofício, orgulhoso do seu talento e ambicioso, Isaias Caminha, personagem que se confunde com momentos cruciais da vida de Lima Barreto, enfrenta o empobrecimento, o engano, a invisibilidade, o desprezo dos políticos e das instituições que deveriam zelar pela sua cidadania. A intriga insidiosa o leva à prisão, à humilhação, ao desespero, ao rebaixamento do espírito, e, enfim, ao flagelo das ilusões perdidas. Isaias Caminha sofre, amarga a rejeição e experimenta a revolta.

Aos poucos, com penúria e sofreguidão, o jovem Isaias Caminha abre caminho na rígida sociedade carioca, e inserindo-se em círculos de jovens pensadores, estudiosos, dilui gradualmente os círculos de isolamento que o excluem e empurram à marginalidade social. Mas é por pena e compaixão que, enfim, recebe uma oportunidade para trabalhar num ascendente jornal da época na cidade do Rio de Janeiro, O Globo, momento em que Isaias Caminha consegue certa estabilidade, passando a observar mais de perto os meandros e labirintos da imprensa escrita e jornalística brasileira.

Nesse ponto, contudo, nos detemos na narrativa, pois a personagem de Lima Barreto passa a realizar uma descrição do meio jornalístico na primeira década do século XX no Brasil que revela tanto as perspectivas de representação social de poder que o jornal impresso de grande circulação traz quanto a sordidez do meio e a fraqueza de princípios e virtudes em que apoia sua inegável expansão econômica e alcance social.

As denúncias formuladas por Lima Barreto por meio de Isaias Caminha aos meandros e práticas adotadas no jornal *O Globo* e as fortes imagens que constrói atraem a ira do jornal em que de fato o escritor trabalhava, o *Correio da Manhã*, jornal que se identificou desde sua origem e até seu encerramento, por contingência das perseguições movidas pela ditadura civil militar no Brasil, com um perfil de crítica aos governos então representantes do poder político.

O poder que movimentou Lima Barreto, ele mesmo um pardo de aparência humilde, estudante, atuante de forma discreta nas causas políticas mais libertadoras da sua época, causaria um preço considerável a ser pago, o qual, em que pese a continuidade da sua produção literária até a sua morte em 1922, procurou isolá-lo e cerceá-lo, contribuindo assim decisivamente para o alastramento da sua doença e o desfecho da sua vida já em condições bastante precárias, após a internação num hospital psiquiátrico.

É nítida a influencia dos principais romancistas da época sobre a obra de Lima Barreto em *Recordações de Isaias Caminha*. Não há, para o leitor que transitou sobre o romance histórico, como não se perceber o traço de Stendhal, Vitor Hugo, Emile Zola, Tolstoi, Dostoievski, para ficarmos, com todo o respeito aos demais, nesses que são citados na narrativa ou percebidos no traço da escrita.

Ao descrever em sua obra a entrada na redação do diretor do jornal *O Globo*, Ricardo Loberant, e do redator-chefe do jornal, Aires d'Ávila, Lima Barreto constrói por meio da sua personagem em Isaias Caminha uma representação social de poder que poderia estar, talvez, apenas no campo da ficção, mas que, pela força da imagem, ainda hoje sentimos a continuidade de tais relações entre os distintos grupos da sociedade:

[..] Os dois penetraram na redação pondo na sala uma inexplicável atmosfera de terror. Pelos longos anos em que estive na redação do *O Globo*, tive ocasião de verificar que o respeito, que a submissão dos subalternos ao diretor de um jornal só deve ter equivalente na administração turca. É de santo o que ele faz, é de sábio o que ele diz. Ninguém mais sábio e poderoso do que ele na Terra. Todos têm por ele um santo terror e medo de cair da sua graça, e isto dá-se desde o contínuo até o redator competente em literatura e coisas internacionais.

Passando por entre as mesas, tal era a concentração das faces e o ar aterrado daqueles homens tão arrogantes lá fora, tão sublimes na rua, que eu pensei que se fossem atirar ao chão para serem pisados por aquele novo deus [...] (BARRETO, S/D, p. 87).

É uma viva imagem de poder, da forma mais dominante de poder com a expansão da administração científica sob o capitalismo financeiro, e dessa razão instrumental que se consolidou com tal processo. Como enfrentar as formas de manipulação das informações e o controle político e ideológico dos conteúdos de dentro, da produção das informações, se, num ambiente semelhante ao da narrativa, está implícito no contrato a submissão do amor próprio aos valores correntes e dominantes naquela forma relacional de poder? Essa questão nos remete tanto ao pensamento de Michel

Foucault e às formas cotidianas de poder quanto a um aspecto central do legado filosófico da Escola de Frankfurt, a associação entre uma ideologia controladora e alienante vinculada à produção de uma cultura de massas e o cerceamento autoritário à prática imposto pela razão instrumental.

E prossegue, Isaias Caminha, por meio de Lima Barreto, expondo sua indignação pela maneira natural e convicta em que se desenvolve a manipulação das informações e a corrupção dos fatos na edição das imagens lançadas ao cotidiano popular pela imprensa:

Naquela hora, presenciando tudo aquilo, eu senti que tinha travado conhecimento com um engenhoso aparelho de aparições e eclipses, espécie complicada de um tablado de mágica e espelho de prestidigitador, provocando ilusões, fantasmagorias, ressurgimentos, glorificações e apoteoses com pedacinho de chumbo, uma máquina Marinoni e a estupidez das multidões.

Era a imprensa, a Onipotente Imprensa, o quarto poder fora da Constituição! (BARRETO, S/D, p. 99).

Essa ideia, do quarto poder na ordem constitucional moderna, é algo que tem raízes no campo das mentalidades e das construções críticas envolvendo a mídia, e no caso a imprensa jornalística escrita. Contra isso, contra esse mundo de armações e poderes controladores das dimensões constitutivas do real, levantaram-se sempre os setores sociais mais organizados, mormente aqueles que sentiram mais intensamente na pele as agruras da dominação. Lima Barreto insere, na mesma obra, passagens em que destaca alguns insurrectos próximos, como o ambíguo Abelardo Leiva, o poeta e revolucionário que oscilava entre os encantos das jovens burguesas e sua intenção desmedida de criar a desordem, a confusão e semear o caos: “- Eu quero a confusão geral, para que a ordem natural surja triunfante e vitoriosa!” (BARRETO, S/D, p. 78).

Era um desses jovens anarquistas do começo do século XX que queria pela destruição de toda forma de *status quo* dominante permitir a passagem para uma nova ordem racional, curiosamente, somente compreensível pelas dimensões da mentalidade da época, uma ordem social radicada no chamado Apostolado Positivista, onde se prestava um verdadeiro culto ao alcance desse “[...] sobre-humano cérebro de Comte [...]” (BARRETO, S/D, p. 80). Lima Barreto indagou durante a narrativa, num instante de profunda percepção, dando voz a Isaias Caminha, como poderia um anarquista cultuar a suposta cientificidade de uma nova ordem a ser instaurada e que, pelo culto à Humanidade, faria o ser humano libertar-se de todas as mazelas e atrasos que o impediam de conquistar um futuro de ordem, progresso e amor.

O próprio Lima Barreto escreveu em jornais de estudantes, como *A Lanterna*, em 1901, quando expôs de forma contundente suas críticas sobre os padrões sociais controladores da sua época. Escreveu na revista *Floreal*, em 1907, uma das primeiras a publicar o pensamento anarquista no Brasil, além de diversos jornais de inclinações libertárias, como *A Voz do Trabalhador*, o *A.B.C.*, e outras revistas libertárias como

Careta, Lanterna, Tagarela, O Debate. Jane Mary C. Bezerra (2010) trabalha de forma bastante extensiva essa relação entre anarquismo e forma literária em Lima Barreto, destacando tanto o histórico das publicações anarquistas no Brasil quanto o vínculo estabelecido entre estas e a vida e obra de Lima Barreto.

Nesse sentido, os jornais impressos e revistas do período revelam também o espaço da resistência e da perspectiva de enfrentamento da grande imprensa escrita e dominante na própria trajetória literária de Lima Barreto. É de supor-se que esse viés da vida política de Lima Barreto não seja tão observado na exposição da sua memória, principalmente pelos grandes centros midiáticos de poder, que preferem enfatizar a linearidade das obras publicadas, o enfrentamento com o Correio da Manhã, seu ostracismo nos meios de comunicação de maior alcance, a doença e a morte sofrida.

Mas não é mais viva e criativa essa outra imagem de Lima Barreto, a do estudante rebelde e curioso de explicar o mundo, que criticou o serviço militar obrigatório, que denunciava as armações políticas da época, enfrentou a opressão da Igreja católica naquele momento, que acreditou e debateu as principais correntes do anarquismo, destacando a autogestão e suas possibilidades, tornando-se um dos primeiros pensadores e literatos no Brasil a saudar a Revolução Bolchevique na Rússia em 1917 e a desejar que o mesmo acontecesse no Brasil em benefício da população mais pobre.

Apesar de todas as formas de controle pretendidas pela imprensa escrita dominante e identificada ao capital em expansão no final do século XIX e século XX, a trajetória de Lima Barreto mostra que é por meio da ação política organizada na própria imprensa escrita que se pode enfrentar esse poder. É nessa perspectiva que inserimos, de forma conclusiva, mas não encerrando a discussão, que entendemos como bastante significativa, a relação do anarquismo e suas diversas correntes, no Brasil e no mundo, com a publicação e edição da imprensa escrita, de forma autônoma e cooperativa, em jornais e revistas.

Há uma indiscutível historiografia abrangente e cada vez mais reveladora das possibilidades libertadoras representada pelo anarquismo, ideologia que representou a grande força popular do final do século XIX e começo do século XX e que se manteve viva no imaginário e nas mentalidades, sobrevivendo a perseguições e manipulações e ainda hoje, num mundo em que a mídia digital e as formas tecnológicas e individualizantes de poder informativo são extensamente agressivas e totalizantes, resiste de forma tenaz e propõe um caminho de veiculação das informações que não se curve aos ditames econômicos e políticos associados à opressão e à manipulação dos fatos. A autonomia da informação diante do poder econômico e político opressor.

No campo das experiências históricas, das relações vividas e vivenciadas entre o anarquismo e o mundo da imprensa escrita, e nos embates concretos em que a ação política organizada se opôs às formas autoritárias de opressão e de dominação, um conjunto considerável de trabalhos, estudos e obras que merecem ser iluminados

pela justa referência precisam ser apontados, afinal, Pierre J. Proudhon (2001) foi ele mesmo um tipógrafo e trabalhou em jornais, Errico Malatesta lutou a vida toda pela liberdade de expressão e se utilizou extensamente da organização de jornais. A própria organização política do anarquismo e suas histórias de lutas, como na Comuna de Paris de 1871 e diversos outros movimentos, em São Paulo em 1917, no Rio de Janeiro em 1918, na Espanha em 1936, resultam desse poder de fazer autônomo, suas próprias produções de informações, suas próprias imagens da sociedade e suas relações de poder.

Afinal, encerramos nossa aventura reflexiva construindo uma imagem daquilo que nos manteve até aqui motivados, o pensar sobre a história, esse labirinto de possibilidades, não se tornará escrita numa única pincelada nem será uma ciência explicativa por meio de uma síntese a ser condensada. Mas, talvez, a história seja melhor compreendida ao despejarmos um pote de tinta sobre o papel claro que representa o tempo, os fatos, as situações e acontecimentos, e daí desenharmos os caminhos reveladores do passado na escrita que se projeta do presente, momento em que o historiador se encontra com seu ofício e se absorve no seu trabalho.

## REFERÊNCIAS

ALVIM, L. **Os jornais, o romance e o folhetim**. Disponível em: [www.ufrgs.br](http://www.ufrgs.br). Acesso em: 13 abr 2017.

BALZAC, H. de. **As Ilusões perdidas**. São Paulo: Abril, 1978.

BARRETO, L. **Recordações do escrivão Isaias Caminha**. São Paulo: Escala (S/D).

BEZERRA, M. C. **Lima Barreto: anarquismo, antipatriotismo e forma literária**. Dissertação de Mestrado (2010). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. Documento em PDF.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro, 1989.

GAUDÊNCIO, B. R. de A. **A maldição de Balzac: imagens do jornalismo no romance Ilusões Perdidas**. Associação Nacional de História (ANPUH) PB. Orientador: Luis Custódio da Silva. Disponível em: [www.anpuhpb\\_Bruno](http://www.anpuhpb_Bruno). Acesso em: 09 jun 2017.

GELEDÉS. **Lima Barreto, homenageado da Flip, escreveu crônica contra o feminicídio em 1915**. Postado em 25/06/2017 por Natalia, reportagem extraída do jornal Brasil de Fato. Disponível em: <http://www.geledes.org.br>. Acesso em: 26 jun 2017.

LE GOFF, J. **A nova história**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **A bolsa e a vida: a usura na Idade Média**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

\_\_\_\_\_. **Reflexões sobre a história**. Lisboa: Ed. 70, 1982.

LOPES, M. **Um anarquista carioca: o escritor Lima Barreto e suas ligações com o movimento libertário**. Boletim Emecê. Núcleo de Pesquisas Marques da Costa. Nº 22, março de 2012. Disponível em: <http://marquesdacosta.wordpress.com>. Acesso em: 12 abr 2017.

MALATESTA, E. **Escritos revolucionários**. São Paulo: Novos Tempos, 1989.

PROUDHON, P. J. **Do princípio federativo**. São Paulo: Imaginário, 2001.

RÓNAI, P. Nota Introdutória. In: BALZAC, H. de. **As Ilusões perdidas**. São Paulo: Abril, 1978.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**Luciane Pereira da Silva Navarro** - é jornalista formada pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2000), com mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade, também pela UEPG (2014). É especialista em Direção de Arte pelo Centro Universitário Curitiba, Unicuritiba (2005). Com 23 anos de experiência em assessoria de comunicação, foi sócia da agência A4 Comunicação por 13 anos (2001-2014). Desde 2007, leciona nos cursos superiores de jornalismo e publicidade. Foi coordenadora do Curso de Pós-graduação em Comunicação Empresarial no Cescage (2013-2017). Atuou como coordenadora de marketing das Faculdades Ponta Grossa - Cescage (2014-2017). Atualmente, é Coordenadora de Comunicação da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Arte 41, 42, 85, 86, 99, 100, 103, 107, 109, 118, 124, 128, 129, 130, 131, 136, 139, 142, 143, 147, 152, 153, 161, 165, 204, 207, 213

### C

Canal 11 156, 160, 163, 165, 167

Censura 45, 78, 83, 89, 94, 157, 183, 185, 186, 187, 188, 191

Cinema 44, 85, 102, 103, 108, 109, 112, 121, 123, 124, 129, 130, 131, 132, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 153, 165, 183

Comunicação 1, 2, 3, 4, 6, 8, 9, 16, 20, 23, 24, 25, 26, 46, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 80, 83, 85, 86, 90, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 103, 105, 108, 112, 114, 115, 118, 132, 142, 143, 146, 147, 149, 150, 151, 155, 156, 158, 165, 167, 169, 180, 183, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 208, 210

Correspondentes brasileiros 183

Crise política 192, 203

### D

Dilma Rousseff 193, 196, 197, 203, 209, 211, 212, 213

Dispositivos móveis 62, 63, 66, 67, 68, 70

Documentário 123, 124, 127, 128, 129, 130, 131, 138, 140, 142, 143, 167, 168

### E

Educação 4, 9, 43, 49, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 90, 147, 156, 157, 158, 162, 163, 165, 166, 167, 168, 211

Evolução curricular 50

Expressão artística 97

### H

História 1, 2, 3, 4, 6, 8, 9, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 28, 39, 41, 43, 48, 49, 50, 54, 60, 63, 64, 74, 75, 78, 79, 80, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 103, 110, 111, 112, 117, 120, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 137, 138, 140, 141, 143, 144, 149, 151, 155, 156, 164, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 181, 183, 186, 190, 193, 203, 204, 206, 208, 213

Histórias em quadrinhos 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96

Historiografia 9, 21, 98, 125, 126, 170, 180

### I

Ilustração 138, 189

Imprensa 1, 2, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 37, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 59, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 87, 90, 96, 97, 98, 99, 102, 103, 111, 112, 113, 120, 132, 135, 136, 151, 170, 171, 175, 176, 177, 179, 180, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 199, 200, 201, 210

Imprensa alternativa 190, 192, 193, 194, 195, 197, 199, 200, 201

Impresso 6, 20, 21, 37, 41, 45, 47, 49, 51, 56, 59, 79, 80, 100, 101, 103, 105, 110, 111, 169, 170, 172, 174, 176, 177, 199

## **J**

Jornais 2, 3, 5, 6, 11, 12, 15, 16, 17, 18, 19, 38, 39, 40, 41, 43, 46, 47, 48, 57, 74, 75, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 96, 98, 99, 109, 110, 134, 136, 146, 147, 171, 174, 175, 176, 179, 180, 181, 184, 188, 189, 191, 193, 194, 195, 196

Jornalismo esportivo 37, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49

Jornalismo literário 114, 119, 121

## **L**

Lugar de memória 123, 124, 126, 127, 128, 129, 130

## **M**

Mato Grosso 62, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 112

Mato Grosso do Sul 74, 75, 79, 80, 81, 83, 112

Memórias 13, 92, 114, 115, 117, 118, 122, 126, 140, 141, 142, 186, 191

## **N**

Neopentecostalismo 192, 193, 197, 198, 201

## **O**

Orlando Brito 202, 203, 205, 206, 208, 210, 211, 212

## **P**

Pós-memórias 115, 117

## **R**

Radiojornalismo 50, 51, 54, 55, 57, 59, 60

Relações de poder 156, 158, 170, 172, 174, 175, 181

Representação social 169, 170, 172, 173, 174, 176, 177, 178

Revista Ocas 150, 155

Revista Piauí 205, 207, 208, 211, 212, 214

Revistas brasileiras 98, 106

## **S**

Segunda Guerra Mundial 87, 88

Street papers 145, 146, 147, 148, 154, 155

## **T**

Televisão 24, 25, 27, 35, 47, 55, 56, 57, 85, 89, 94, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 156, 158, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 196, 198, 199

Testemunho 132, 133, 134, 135, 136, 139, 140, 141, 144

TV Educativa 156, 157, 158, 161, 163, 164, 166, 167, 168

TV Universitária 156, 158, 160, 161, 165

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-605-8

